

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

GRAZIELA MONTEIRO BISPO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA NA
ALFABETIZAÇÃO**

**ARACAJU – SE
2012/2**

GRAZIELA MONTEIRO BISPO

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA NA
ALFABETIZAÇÃO**

**Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus
como trabalho de conclusão de curso e requisito básico
para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.**

Orientador: Prof. Eduardo Jorge Novaes Schoucair

**ARACAJU - SE
2012/2**

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA E DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO

Graziela Monteiro Bispo¹

RESUMO

O presente artigo, de natureza qualitativa, teve como objetivo pesquisar sobre o processo de construção da leitura e da escrita na alfabetização segundo a concepção de alguns autores e analisar as construções de 08 crianças do 1º ano de escolaridade, com idade entre 6 e 7 anos, de uma escola estadual do município de Areia Branca/SE, com o propósito de diagnosticar em que níveis de escritas elas se encontram. Verificamos, portanto, que a criança descobre as propriedades da escrita por meio de um processo construtivo e não através de cópias como a escola propõe, pois ela é um sujeito que pensa, que constrói conhecimento, que age sobre o real para fazê-lo seu. Não podemos esquecer que o desenvolvimento da escrita varia de acordo com cada criança e que o professor deve ser mediador e saber como a criança aprende.

Palavras-Chave: Leitura. Escrita. Alfabetização.

ABSTRACT

This article, qualitative, aimed to research the construction process of reading and writing in literacy according to the conception of some authors and analyze the constructions of 08 children from 1st grade, aged 6 and 7 years for the purpose of diagnosing levels at which they are written. It appears, therefore, that the child discovers the properties of writing through a constructive process and not through copies as the school offers because she is a guy who thinks that builds knowledge, which acts on the real to do it yours. Do not forget that the development of writing varies with each child and the teacher should be a mediator and how the child learns.

Keywords: Reading. Writing. Literacy.

¹Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Amadeus – FAMA.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um tema que tem sido estudado e pesquisado por muitos estudiosos através dos tempos. Nas últimas décadas alguns autores têm se dedicado com maior atenção ao processo de construção da escrita, mudando, dessa forma, a concepção que temos sobre o processo de alfabetização e da escrita, através da comprovação das fases que a criança passa até chegar ao modelo de escrita convencional exigido pela sociedade. Percebe-se que são vários os fatores que influenciam nos avanços e nos retrocessos dos alunos nesse processo.

Quando se fala em alfabetização, pensa-se logo na leitura e na escrita, as quais, atualmente, são vistas como habilidades centrais, devido à função social que exercem em nossa sociedade. No entanto, o processo de alfabetização é bastante complexo, é muito mais do que simplesmente ler e escrever.

O presente artigo pretende apresentar e discutir as concepções teóricas de alguns autores como Emília Ferreiro e Teberosky, Cagliari, Beatriz Cardoso e Madza Ednir e Vygotsky acerca do processo de construção da leitura e da escrita na alfabetização, além de compreender as construções infantis na alfabetização, em uma escola estadual, localizada no município de Areia Branca/SE.

Segundo Cagliari (2005), a leitura e a escrita são atividades que a escola deve conduzir conjuntamente, no entanto, ela trabalha muito mais a escrita do que a leitura porque é muito mais fácil avaliar os alunos pelos seus “acertos” e “erros” do que pela leitura.

No entanto, sabemos que a leitura é tão importante quanto à escrita, pois, na sociedade em que vivemos a leitura é essencial para a nossa vida cotidiana porque é através dela que conseguimos fazer coisas simples como ler bulas de remédios e receitas de comida, conseguimos pegar ônibus e também entendemos as placas de trânsito. Além disso, a leitura serve de motivação para a escrita. Porém, a escola não contribui para que ela seja encarada dessa forma. Pelo contrário, a maneira como a escola ensina a criança a ler, através do ba-be-bi-bo-bu, faz com que ela não tenha estímulo para ler e, conseqüentemente, para escrever.

Cagliari (2005) afirma que:

para ensinar a ler e escrever é de fundamental importância que o professor desenvolva atividades de produção e interpretação de texto, que podem ajudar o aluno a compreender melhor os usos sociais da leitura e da escrita. O professor alfabetizador deve partir da capacidade de análise da linguagem oral que as crianças levam para a escola, para poder ensiná-las a escrever, evitando, dessa forma, dificuldades de aprendizagem, pois, quando o aluno chega à escola, ele traz consigo a representação do que seja ler e escrever.

Todavia, a escola tem a escrita ortográfica como base para tudo. Ela ensina ao aluno através de formas silábicas, acreditando que dessa forma, garantirá a aprendizagem da leitura e da escrita. Porém, o ensino deveria ser organizado de forma que a leitura e a escrita sejam necessárias às crianças, isto é, que tenham utilidade prática na vida de cada uma delas; é necessário que seja relacionado ao contexto e a experiência de vida do aluno, levando-o a ter uma visão mais crítica da sua realidade.

Então, o que sugerimos é que a escola não ensine apenas a escrever letras, mas que ensine às crianças a linguagem escrita. (Vygotsky, 1998).

Sabe-se que na escola o processo de construção da escrita ocorre de forma muito mecânica, ou seja, repetindo e reproduzindo letras, ignorando os aspectos psíquicos da criança. No entanto, a escola precisa se conscientizar de que alfabetizar é muito mais que aprender como se escreve as palavras. O processo de alfabetização vai muito além do que a escola pensa e é o momento mais importante da formação escolar de uma pessoa.

Assim, é de fundamental importância que o educador repense e, que modifique sua concepção a respeito do que é alfabetizar e, conseqüentemente, modifique também suas práticas alfabetizadoras. É importante que o educador não a conceba apenas como representação e decifração de letras, mas, pelo contrário, ele deve ter consciência que para alfabetizar, deve ensinar as crianças a ler e escrever no contexto das práticas sociais.

Foi realizada uma atividade com 08 crianças, na faixa etária de 6 a 7 anos, sendo 4 meninas e 4 meninos, em processo de alfabetização, em uma escola estadual, situada no município de Areia Branca. Percebemos que elas apresentaram níveis de escrita diferenciados e que ao realizar suas construções as crianças se utilizaram de algumas estratégias. Portanto, cabe ao professor criar possibilidades para que o seu aluno evolua no processo de alfabetização.

Inicialmente, foi apresentada a atividade aos alunos, a qual era composta de algumas figuras de frutas grandes que possuem nomes pequenos, frutas pequenas com nomes grandes, frutas grandes com nomes grandes e frutas pequenas que possuem nomes pequenos, já que, nessa fase, eles costumam associar o nome do objeto ao seu tamanho. Em seguida, solicitou-se às crianças que escrevessem a palavra correspondente a cada fruta representada na figura.

Depois de várias leituras acerca do tema em estudo e da realização da atividade proposta na turma de alfabetização, foi feita uma análise das construções infantis de acordo com as concepções dos autores estudados.

Portanto, no artigo discutiremos as concepções teóricas de alguns autores em relação ao processo de construção da escrita e da leitura da criança e também os níveis de desenvolvimento da escrita de crianças em processo de alfabetização.

2 A CRIANÇA E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA

Tradicionalmente, a prática alfabetizadora vem sendo discutida, no entanto, nenhuma discussão tem levado em conta as concepções que as crianças possuem sobre o sistema de escrita. Daí a necessidade de alguns autores se empenharem em estudá-la.

As produções espontâneas das crianças são os exemplos mais claros que temos a respeito das explorações que elas fazem para compreender a natureza da escrita. As primeiras construções infantis aparecem como linhas onduladas ou quebradas, contínuas ou fragmentadas, ou como bolinhas repetidas, contudo, apenas a aparência gráfica não é garantia de escrita, pois depende do contexto de produção. (Ferreiro, 2010). Porém, têm sido consideradas pela escola como “garatujas”, puros rabiscos que não possuem significado algum. Essa maneira de considerar a escrita da criança é porque a escola valoriza muito mais os aspectos gráficos como a qualidade do traço, a orientação dos caracteres e a distribuição das formas e acaba ignorando os aspectos construtivos utilizados pela criança, isto é, não leva em conta o que a criança quis representar e quais os meios utilizados por ela para criar as diferentes representações.

Portanto, é necessário que a escola mude sua concepção a respeito da criança porque ela é um sujeito ativo, que pensa e que constrói interpretações sobre o real e não um sujeito que apenas reproduz.

Para Ferreiro (2010), existe um sujeito que conhece e que, para conhecer, faz uso de alguns mecanismos de aprendizagem. Na sua concepção, a criança é um sujeito ativo que interage constantemente com os objetos da realidade.

A criança vive em um mundo onde a escrita está presente em todas as partes, daí, através de um processo construtivo, ela mesma procura compreendê-la, descobrindo aos poucos as suas propriedades, ou seja, ela constrói suas próprias ideias sobre a escrita sem precisar necessariamente que alguém a ensine.

Depois a criança passa por um processo de evolução e de transição natural que faz com que ela consiga dominar a linguagem escrita, restando-lhe apenas aperfeiçoar-se com o passar do tempo.

Na fase inicial de alfabetização a criança deverá desenvolver a compreensão de que os sons da fala podem ser representados graficamente; mais adiante o aluno em fase de alfabetização deverá alcançar a percepção visual fina aguçada para que consiga distinguir as letras do alfabeto conscientemente. (Lemle apud Doro; Alencar, 2003)

Então, para que a criança construa sua linguagem escrita, a escola não precisa ficar trabalhando com repetições, soletrações, palavras soltas, com sílabas, pois isso não faz sentido durante esse processo, porque só faz transformar a criança num sujeito reproduzidor, que não reflete sobre suas construções. A escola precisa respeitar o processo de evolução da escrita da criança, pois, aos poucos, através de suas tentativas, ela acaba aprendendo de forma indireta o que a escola propõe. Contudo:

Todo sujeito (salvo em casos patológicos) é capaz de desenvolver um comportamento letrado, desde que o processo de ensino se encarregue de dar-lhe instrumentos para isso. Um dos recursos importantes para desenvolver essa atitude é possibilitar aos alunos o convívio freqüente com textos de boa qualidade, de maneira a transformá-los em usuários da linguagem, ou seja, em leitores e escritores que usufruam e transformem, com liberdade e prazer, o mundo da língua escrita. (CARDOSO; EDNIR, 2004)

Dessa forma, a escola dará oportunidade às crianças de descobrirem o universo riquíssimo que é a linguagem escrita e o aprendizado da língua escrita passará a ter significado para elas. O problema é que a escola está acostumada a ensinar a escrever, mas não ensina o que é escrever e quais as funções sociais da escrita, ou seja, qual a utilidade dela em sua vida diária.

Portanto, para que o processo de alfabetização tenha sucesso é necessário que a escola revejasuas práticas de introdução da língua escrita, considerando a escrita como uma representação da linguagem e a criança como um sujeito ativo, que pensa, que interage com o seu objeto de conhecimento, que constrói interpretações e que participa também desse processo de construção da escrita.

3 PSICOGÊNESE DA ALFABETIZAÇÃO

A psicogênese da língua escrita, formulada por Emília Ferreiro e colaboradores é uma teoria que consiste em descobrir como se desenvolvem os níveis da compreensão da criança em relação à leitura e a escrita. É uma tentativa de mostrar o que é comum a toda criança no processo de alfabetização. A criança é considerada como a parte principal do processo de aprendizagem, como um sujeito ativo, porque, desde que nasce, constrói conhecimento.

Para Ferreiro (2010), é de grande importância expor a criança ao mundo da escrita, participando de práticas sociais de leitura e escrita com frequência, pois, a aprendizagem não se dá apenas na escola. O papel da escola é o de criar condições para que a criança descubra por si só as propriedades do sistema alfabético.

O desenvolvimento da leitura e da escrita começa muito antes do processo de escolarização, pois quando a criança vai para a escola, já leva alguns conhecimentos que ela possui da escrita. No entanto, não é obrigado as crianças chegarem à escola já alfabetizadas porque a responsabilidade social de alfabetizá-las é da escola.

“A maneira como a escola trata o escrever leva facilmente muitos alunos a detestar a escrita e em consequência a leitura, o que é realmente um irreparável desastre educacional”. (CAGLIARI, 2005).

Emília Ferreiro chama a atenção para a influência do ambiente em que a criança vive, pois aquelas crianças que têm mais acesso à escrita, com certeza terão mais estímulo e motivação para construir sua escrita. A autora também ressalta que a sala de aula deve ser um ambiente alfabetizador e estimulante e o professor deve ser mediador do conhecimento, respeitando sempre os limites de cada aluno.

Ferreiro e Teberosky (1998) descrevem os níveis de desenvolvimento da escrita no livro “A Psicogênese da Língua Escrita”. Segundo as autoras a criança cria suposições sobre os processos de construção da leitura e da escrita, em cada nível de desenvolvimento. Os níveis de escrita, que constituem a psicogênese, apresentados por elas, são os seguintes:

- Nível pré-silábico – nesta fase, a criança não estabelece relação entre a fala e a escrita, isto é, não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; utiliza várias formas de representação para escrever, como desenhos, números, etc; há uma grande variação de caracteres; usa letras do próprio nome ou letras e números numa mesma palavra; caracteriza uma palavra como letra inicial; só ela sabe o que quis escrever.

- Intermediário I - a criança começa a ter consciência de que existe alguma relação entre pronúncia e escrita; começa a desvincular a escrita das imagens e os números das letras; conserva as hipóteses da quantidade mínima e da variedade de caracteres.
- Nível silábico – já supõe que a escrita representa a fala; tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro às letras; já supõe que a menor unidade da língua seja a sílaba; em frases, pode escrever uma letra para cada palavra; a criança relaciona a grafia com os sons, escrevendo, por exemplo, uma letra para representar cada sílaba;
- Nível silábico-alfabético – Representa os sons das palavras de forma mais completa; consegue combinar vogais e consoantes numa mesma palavra, numa tentativa de combinar sons; nesta fase é muito comum faltar algumas letras na representação gráfica e, por isso, alguns professores pensam que a criança está com dificuldade de aprendizagem.
- Nível alfabético – a criança faz correspondência entre grafia e fonemas, diferenciando as palavras pelos sinais gráficos e pelos sons. Nesta fase, a criança ainda não escreve conforme as regras ortográficas, pois a ortografia só será adquirida com a prática da leitura e da escrita; compreende que a escrita tem função social; compreende o modo de construção do código da escrita; omite letras quando mistura as hipóteses alfabética e silábica.

Vygotsky (1987) considera as primeiras manifestações gráficas como precursoras da escrita. Na verdade, para esse autor tanto os rabiscos como as brincadeiras de faz de conta e o desenho “devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado de desenvolvimento da linguagem escrita”.

Ferreiro (2010) considera que a aprendizagem da escrita tem carácter evolutivo, não sendo necessário que as crianças estabeleçam, desde o início, a associação entre grafia e sons.

Os aspectos construtivos têm a ver com o que se quis representar e os meios utilizados para criar diferenciações entre as representações (...) a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de meios culturais, de diversas situações educativas e diversas línguas. (FERREIRO, 2010, p. 21 e 22).

Quando a criança avança na construção da escrita, ela percebe que para escrever utilizam-se apenas letras, deixando de representar números. Dessa forma, as letras passam a assumir a forma convencional da escrita aceita pela sociedade.

Diante dos estudos realizados por Emília Ferreiro, verificamos que a criança não é alfabetizada por alguém, mas, pelo contrário, ela se alfabetiza ao interagir com o meio em que ela vive. Então, torna-se necessário que o professor alfabetizador mude seus conceitos, suas

práticas pedagógicas, considerando, assim, a criança como “centro” do processo de aprendizagem, que se desenvolve num ambiente social cuja alfabetização se realiza num processo de construção do conhecimento referente ao sistema alfabético da escrita.

4 NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA DE CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Como já foi dito, Ferreiro e Teberosky, em sua teorização, definem os níveis de escrita que constituem a psicogênese, como: pré-silábico, intermediário I, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Portanto, em nosso estudo, foi realizado um diagnóstico com 08 (oito) crianças, sendo 4 (quatro) meninas e 4 (quatro) meninos, na faixa etária de 6 a 7 anos, para identificar em qual nível de escrita se encontravam as crianças. Cada criança recebeu uma atividade, na qual tinha algumas figuras que representavam frutas, para que elas escrevessem os nomes das frutas ao lado de cada figura. As produções das crianças foram analisadas e classificadas de acordo a teoria da evolução da escrita, proposta por Ferreiro e Teberosky (1998). Através da análise feita, nos foi permitido identificar o nível de escrita pré-silábico, inclusive na etapa gráfico-primitiva, intermediário I e silábico. O nível silábico-alfabético e o nível alfabético não foram identificados em nenhuma das produções gráficas realizadas pelas crianças,

NÍVEIS DE ESCRITA DOS ALUNOS EM FASE DE ALFABETIZAÇÃO

| Níveis de escrita | Nº de alunos |
|--------------------------|---------------------|
| Pré-silábico | 3 |
| Intermediário I | 3 |
| Silábico | 2 |
| Silábico-Alfabético | 0 |
| Alfabético | 0 |
| Total | 8 |

De acordo com o quadro acima, das crianças que participaram da atividade, 03 encontram-se no nível pré-silábico, fase em que a criança usa garatuhas, desenhos ou ícones, riscos ou rabiscos, os quais, para ela, representam à escrita.

Para Ferreiro, quando a criança se encontra neste nível, a escrita é representada de forma arbitrária, o que para a autora nem sempre significa convencionalidade. Inicialmente, a criança representa o nome através do desenho (fase pictórica). Depois, ela evolui e começa a diferenciar a escrita do desenho e compreende que a escrita serve para representar alguma coisa. Nesta fase, a criança ainda não escreve corretamente, de maneira convencional, porém, já percebem algumas letras. A criança, na tentativa de escrever, produz rabiscos, misturando letras, rabiscos e números (fase gráfico-primitiva). Na fase pré-silábica, propriamente dita, a criança começa a diferenciar letras dos números, desenhos e rabiscos e reconhece a orientação da escrita, ou seja, da esquerda para direita e de cima para baixo. As escritas se assemelham bastante, mesmo representando coisas diferentes. As letras são escritas aleatoriamente e a criança não reconhece o valor sonoro convencional de cada letra. É muito comum que a criança relacione o tamanho da escrita ao tamanho do objeto ao qual representa.

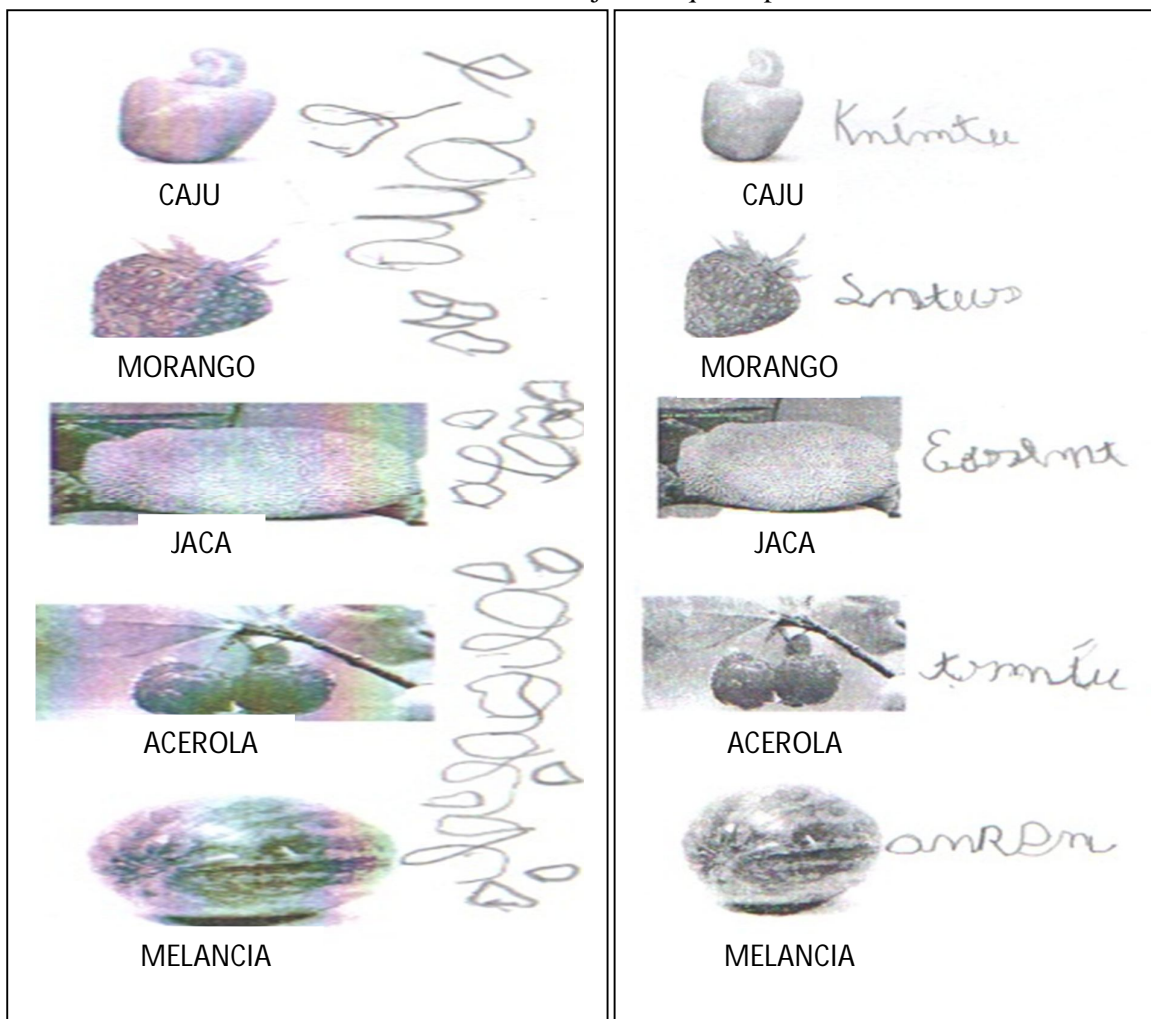


Figura 1: Escrita pré-silábica
(fase gráfico-primitiva)

Figura 2: Escrita pré-silábica

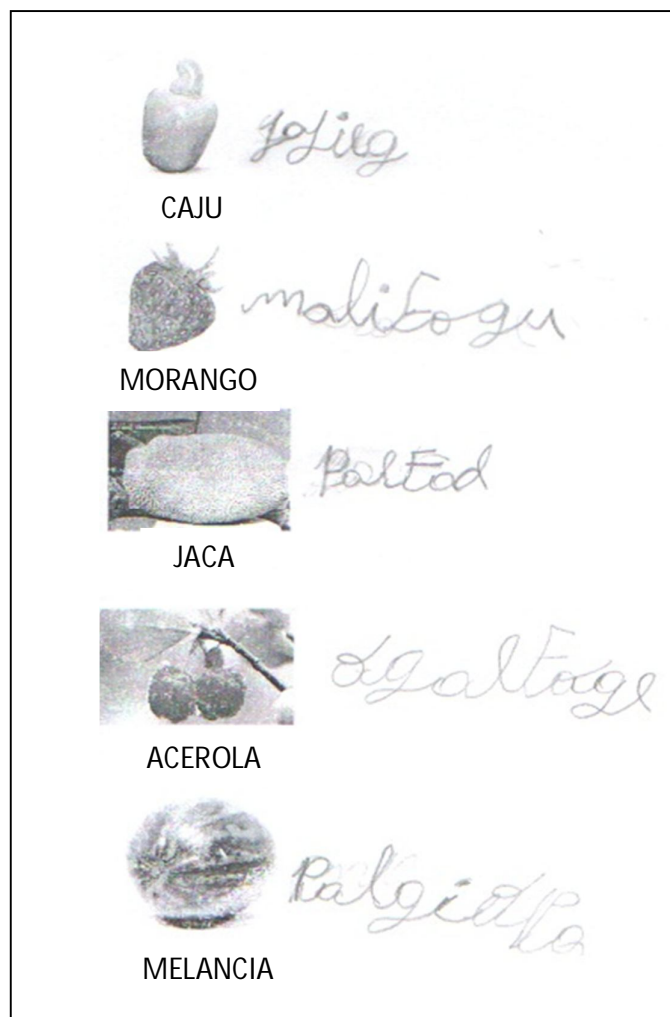


Figura 3: Escrita pré-silábica

Na figura 1, a criança ainda se encontra na fase gráfico-primitiva, isto é, mistura letras com bolinhas e não reconhece a orientação convencional da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo). Porém, as crianças, das figuras 2 e 3, encontram-se no nível pré-silábico propriamente dito, porque já usam algumas letras de palavras que conhecem, mas ainda não possuem consciência quanto à correspondência entre fonema e grafema. As crianças que apresentam este nível de escrita geralmente se utiliza de muitas letras para escrever uma palavra (em geral mais de três ou quatro) e pensam que para escrever uma palavra deve haver letras variadas.

Foi possível observar que 03 das crianças encontram-se no nível intermediário I, momento bastante confuso, pois a criança fica insegura porque estar mudando de um nível para outro de escrita, ou seja, saindo do nível pré-silábico para o intermediário I e começa a fazer

vários questionamentos a respeito da escrita. Ela começa a fazer diferenciação da escrita e a relacionar os sons com as palavras, isto é, percebe a relação entre escrita e pronúncia. Também começa a diferenciar a escrita de figuras e os números das letras; Conserva a hipótese da quantidade mínima de caracteres, ou seja, uma palavra tem que ser escrita com várias letras e a hipótese da variedade de caracteres, que essas letras sejam variadas.

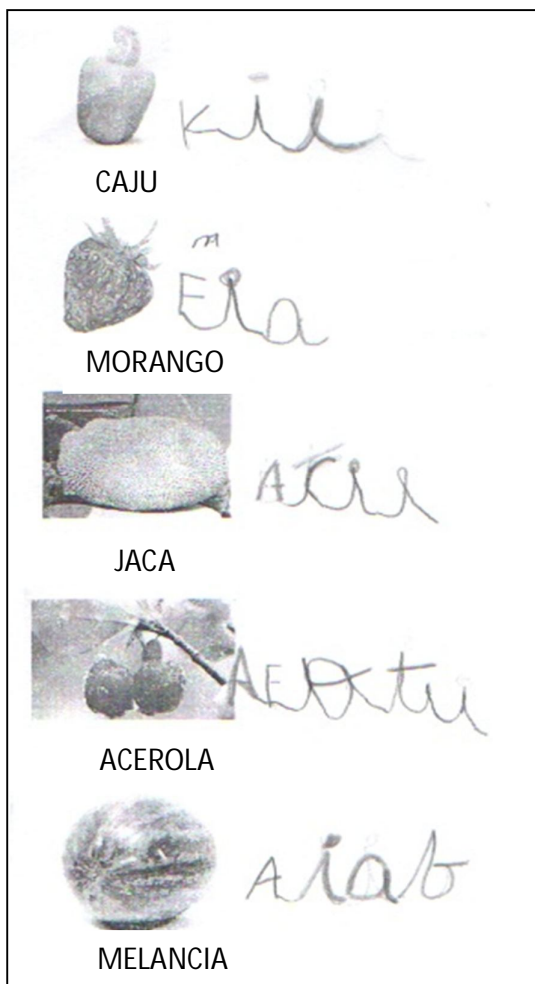


Figura 4: Escrita no nível intermediário I

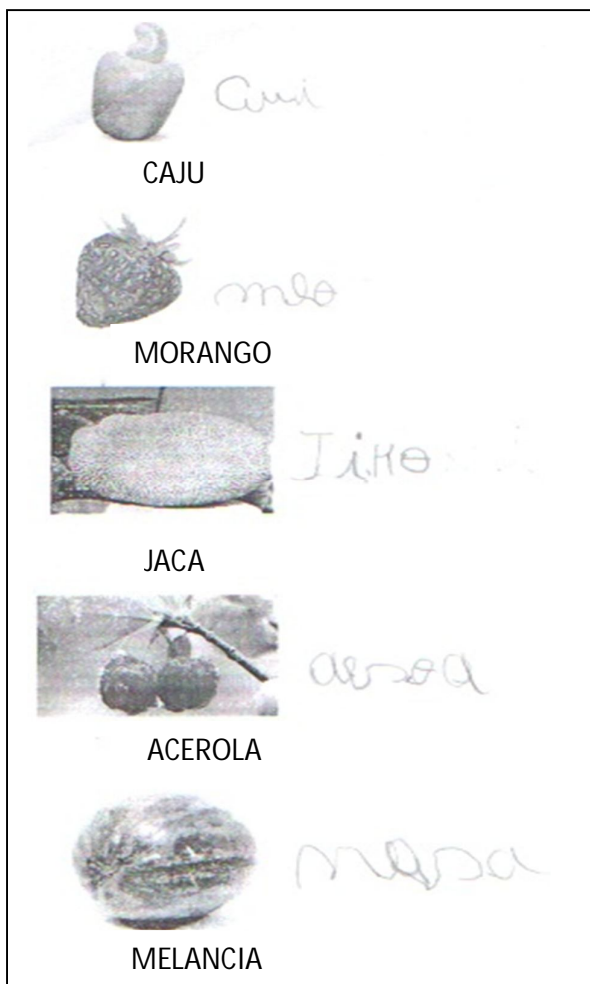


Figura 5: Escrita no nível intermediário I

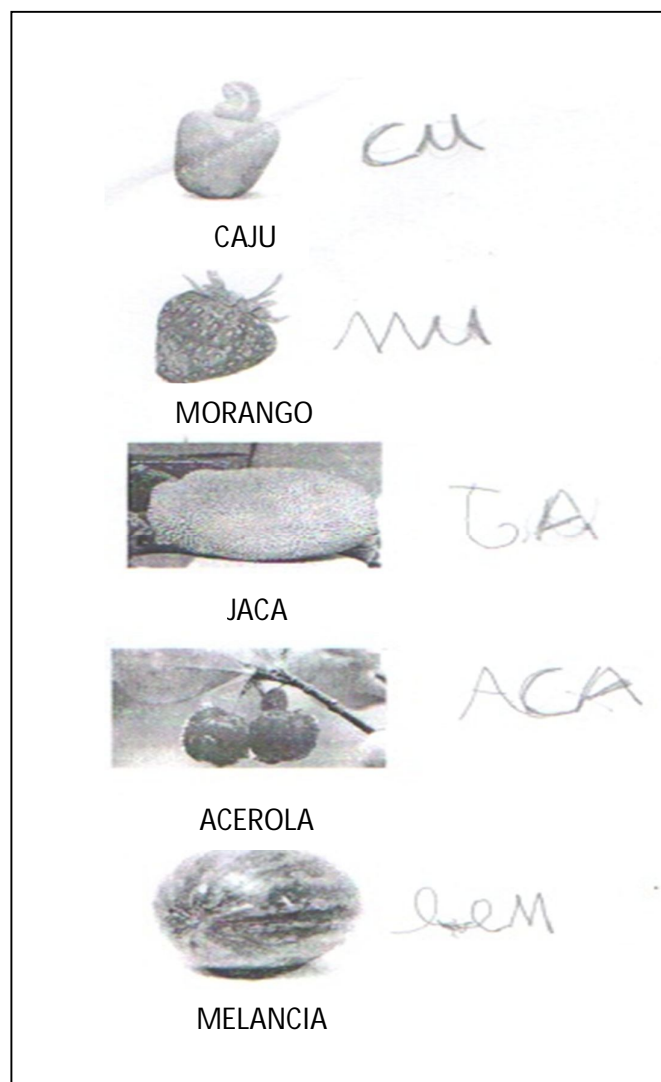


Figura 6: Escrita no nível intermediário I

Como indicam as figuras 4, 5 e 6, as crianças desse nível já usam alguns valores sonoros convencionais e escrevem algumas partes da palavra.

Das crianças que participaram das atividades, 02 encontram-se no nível silábico, pois, já conseguem atribuir um valor sonoro a cada uma das partes das palavras. A criança evolui bastante nessa fase porque é quando ela descobre que a escrita representa a fala e, então, atribui para cada sílaba uma letra. Para as crianças que se encontram nesse nível a quantidade de letras escritas é determinada pela quantidade de vezes que se abre a boca para falar, ou seja, para cada sílaba falada deve-se escrever uma letra.

[...] está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1985, P. 192)

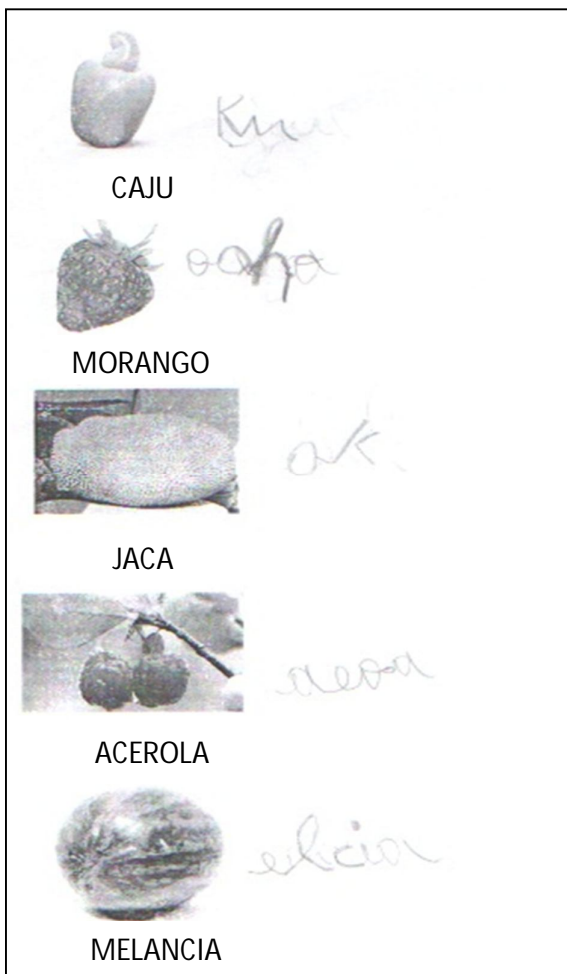


Figura 7: Escrita Silábica

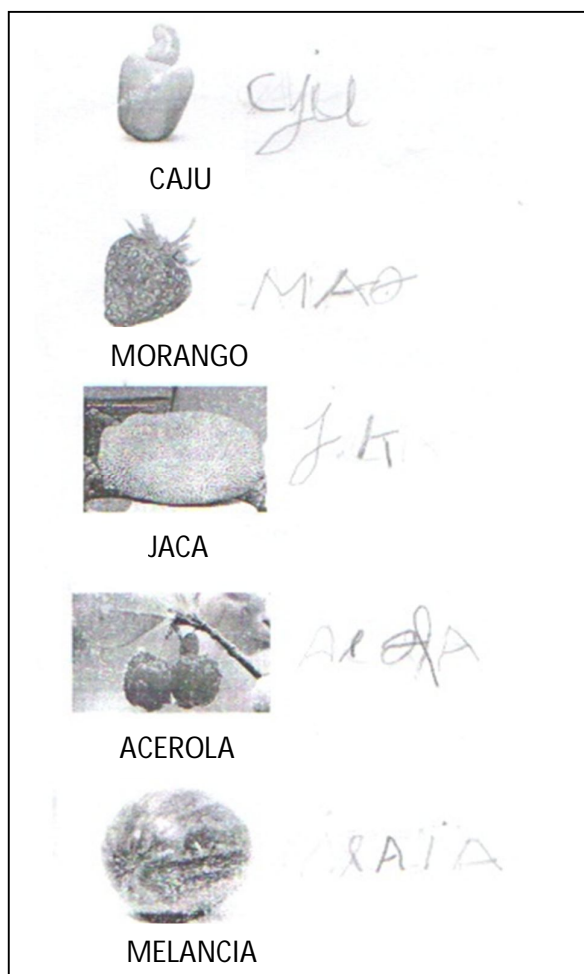


Figura 8: Escrita Silábica

Como mostram as figuras acima, uma criança escreveu a palavra caju, da seguinte maneira: Ku, ou seja, ela contou as sílabas e escreveu uma letra para cada uma. Já a outra criança escreveu assim: cju, isto é, a sílaba final foi escrita com duas letras (sílabas alfabéticas). Porém, isso não significa dizer que essa criança já compreende a escrita alfabética, pois para que ela alcance esse nível de escrita ainda precisa enfrentar muitos desafios. Para escrever a palavra morango, por exemplo, uma criança escreveu MAO, uma letra para cada sílaba, já a outra criança escreveu oaha, escrevendo também a última sílaba com duas letras, porém, utilizou a letra h para poder representar o som da sílaba GO.

É importante ressaltar que nenhuma das crianças que participou da atividade se encontra no nível silábico-alfabético e no nível alfabético. O nível silábico-alfabético é o momento em que a criança começa a repensar e a indagar o nível silábico. Nessa fase, a criança

procura respeitar o valor sonoro das palavras e, para isso, começa a escrever letras, principalmente, na primeira sílaba. O nível alfabético é o momento em que a criança descobre que a escrita tem a função de comunicar e que compreende o valor sonoro de todas ou de quase todas as letras, no entanto, ainda não ocorre o domínio da ortografia. Geralmente, as crianças que pertencem à classe baixa são as que têm maior dificuldade de evoluir de um nível de escrita para outro, principalmente de alcançar o nível alfabético. Portanto, isso é possível quando se tem um professor que interfere em sua aprendizagem e que faz a mediação entre o conteúdo a ser aprendido e aquele que está aprendendo. A figura do professor é essencial para o desenvolvimento da criança em fase de alfabetização. Além de fazer com que a criança leia e escreva com competência, ele deve fazer da criança um ser crítico.

5 O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Entendemos que a criança é um sujeito ativo no processo de construção da escrita e da leitura, mas, nem por isso, o professor deixa de ter sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Contudo, cabe ressaltar que para o professor alfabetizador desenvolver um bom trabalho, ele deve conhecer a Psicogênese da Escrita e respeitar os limites de cada criança, além de reconhecer seu papel de mediador nesse processo. É importante também que ele favoreça um ambiente que estimule e que motive cada vez mais seu aluno a adquirir novas aprendizagens.

Portanto, para que o processo de alfabetização tenha sucesso, é necessário que o professor se comprometa em fazer a mediação entre seus alunos e os conteúdos e que ocorra a interação dele próprios entre si e com o professor.

Sabemos que a escola está impregnada de métodos tradicionais, acreditando que é apenas dessa maneira que a criança aprende. Então, o professor para que o seu aluno “aprenda” a escrever e a ler, utiliza-se de exercícios de coordenação motora e discriminação perceptiva; Além disso, manda a criança copiar letras, sílabas e palavras e repeti-las com frequência até memorizá-las. Para Cagliari (2005, p. 100)

O que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade, espacial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa, a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício de treinamento manual. Porém, muitos exercícios de controle motor eu se encontram nas cartilhas são desprovidos de qualquer planejamento educativo para a escrita, ou, na maioria dos casos, não são

elaborados com o objetivo específico de treinar a arte de escrever. Preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever.

No entanto, essas práticas de ensino são destituídas de valor funcional dentro da língua escrita. O educador deve encontrar meios que possibilitem aos alunos o gosto pela leitura e pela escrita, não esquecendo de motivá-los sempre, deixando claro a importância da leitura e da escrita em suas vidas.

Então, é imprescindível que o professor desenvolva atividades que façam com que seus alunos reflitam sobre a língua, isto é, sobre a função social da escrita. Primeiramente, é fundamental que ele investigue o que as crianças sabem sobre a escrita e se ela tem alguma utilidade na vida deles, pois, quando estas chegam à escola elas já trazem consigo uma bagagem de conhecimentos. O professor alfabetizador não deve se preocupar se o que a criança escreve está correto ou errado, mas, pelo contrário, deve acompanhar e anotar todas as fases da escrita de seus alunos, analisando se estão evoluindo e, também, organizar um ambiente que seja favorável ao seu desenvolvimento.

Ferreiro (1981) valoriza as histórias ouvidas e contadas pelas crianças, bem como suas tentativas de escrever seus nomes ou bilhetes. Essas atividades têm grande importância no processo, pois abrem espaço para a descoberta dos usos sociais da linguagem. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem.

O ensino deveria ser organizado de forma que a escrita e a leitura tivessem utilidade prática na vida das crianças. Daí a importância de se trabalhar, desde cedo, a convenção da linguagem escrita.

O professor, ao invés de trabalhar com cópias, com soletração e repetição de sílabas, com palavras soltas, deveria desenvolver uma prática pedagógica que trabalhasse a escrita e a leitura através de atividades lúdicas, deveria deixar seus alunos brincarem e jogarem com mais frequência, etc. É importante também que o educador proporcione o quanto antes aos seus alunos o contato com a literatura infantil e não ler textos desagradáveis e sem fim educativo, pois, assim, evita que a criança tenha rejeição em relação à leitura e à escrita.

O ideal é que o professor permita também o contato com diversos tipos de texto, como receitas, poemas, poesias, cartas, listas, bilhetes, pois, todos eles são utilizados no nosso dia-a-dia e, por isso, tem muita utilidade na vida das pessoas. A partir desses textos pode-se

trabalhar a distinção entre letras e números e explicar que o tamanho das pessoas não tem relação com o tamanho de seu nome, que existe uma variedade de letras, etc. Além disso, devem-se trabalhar as propriedades da língua escrita, como escrever da esquerda para a direita e de cima para baixo, e que para escrever é necessário dar espaços entre as palavras e não escrever tudo junto.

Enfim, o uso de metodologias diversificadas certamente traz um resultado muito positivo no processo de aprendizagem das crianças, pois, conseqüentemente, passam a escrever diversos textos, podendo chegar com mais facilidade à fase alfabética.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados por alguns autores, principalmente de Emília Ferreiro, e do diagnóstico realizado com crianças em fase de alfabetização, conclui-se que a criança descobre as especificidades da escrita através de um processo construtivo que se desenvolve a partir da análise e da reflexão que ela faz sobre a língua, sem precisar passar por práticas destituídas de valor, as quais, geralmente, são praticadas pela escola.

Alfabetizar significa muito mais do que a escola pensa, pois é um processo bastante complexo e de grande importância. Alfabetizar não é apenas decodificar e codificar letras e palavras. É um processo que só tem sentido se a leitura e a escrita não forem dissociadas da vida social do aluno, pois o aluno precisa saber que ambas as práticas exercem funções em sua vida.

Salientamos ainda a necessidade de mudança nos conceitos e práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores para que possam encarar o seu aluno como um sujeito pensante, que constrói seus próprios conhecimentos a partir da realidade em que vive.

O educador precisa tornar o processo de alfabetização um momento prazeroso, divertido e satisfatório, registrando sempre as fases de evolução dos alunos, não limitando a capacidade dos mesmos.

Portanto, é fundamental oferecer às crianças desde cedo o contato com textos diversificados para que a escrita possa ser contextualizada, mesmo que ainda não sejam capazes de ler e escrever convencionalmente, pois, dessa forma, as crianças descobrem as propriedades fundamentais da escrita, as quais são essenciais para o seu processo de alfabetização. Além disso, o professor precisa desenvolver atividades que façam com que os seus alunos saibam usar socialmente a leitura e a escrita.

No entanto, para que o professor saiba intervir de forma adequada no processo de alfabetização de seus alunos, é necessário que ele conheça a Psicogênese da escrita e que também conheça os processos construtivos pelos quais seus alunos passam no momento de construção da escrita e da leitura.

Através das produções das crianças analisadas, percebe-se que cada criança possui um ritmo de aprendizagem diferenciado, mas que passam pelos níveis de escrita definidos por Ferreiro.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 25 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **A compreensão do sistema de escrita**. 1 ed. Barcelona, 1981.

_____. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10ªed. São Paulo: Scipione, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

CARDOSO, Beatriz; EDNIR, Madza. **Ler e escrever, muito prazer!** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

DORO, Fernanda Gonçalves; ALENCAR, Gilberto de. **Práticas de leitura e escrita na alfabetização**. Disponível em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-jornada-pedagogica/lingua-portuguesa/pr%C3%A1ticas-de-leitura-e-escrita-na-alfabetizacao.pdf>. Acesso em 08/10/2012.